

---

## *História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico\**

*Éder da Silva Silveira\**

---

**Resumo:** O presente texto pretende trazer algumas reflexões relacionadas ao uso da História Oral na produção do conhecimento histórico e sua articulação com a memória. Busca-se, outrossim, analisar em que medida o uso da História Oral, sob influência da Nova História Cultural, contribui para a formatação de um novo perfil de historiador.

**Abstract:** The present text intends to bring some reflections related to the use of Oral History in the production of the historical knowledge and its articulation with the memory. It searches also analyze in what measure the use of Oral History, under the influence of the New Cultural History, contributes for the formatting of a new historian profile.

**Palavras-chave:** História. História Oral. Memória.

**Key words:** History. Oral History. Memory.

---

### **Introdução**

Este texto é proveniente de um breve exercício de reflexão sobre alguns conceitos bastante caros ao estudo da História, especialmente à produção do conhecimento histórico. Não exaurindo a análise possível, o objetivo é sinalizar o panorama da utilização da História Oral na produção do conhecimento em História, bem como pensar a aproximação dessa metodologia de pesquisa com a Etnografia. Pretende-se despertar algumas inquietações que possam ajudar especialmente aqueles que estão iniciando o estudo da História e conhecendo as diversas maneiras de

---

\* Docente no Curso de História da Universidade Luterana do Brasil, campus São Jerônimo/RS. *E-mail:* dersilveira@yahoo.com.br

essa ciência produzir conhecimentos na perspectiva atual da História Cultural.

### Algumas raízes da noção de História

Desde seu aparecimento, a função da História é fornecer à sociedade uma explicação de suas origens. Do grego, *Historie*, significa procurar, investigar. Nessa busca, a essência da História como transformação (e seu processo formativo), bem como sua dimensão de análise, como o tempo e o espaço, integraram a palavra História em sua polissemia. Nessa polissemia, a História é, quer uma série de acontecimentos, quer a narração dessa série de acontecimentos.<sup>1</sup>

Para começarmos a pensar numa relação entre memória e história, também vale recorrer aos gregos. Para eles a memória era tão importante que recebeu um lugar especial no panteão de seus deuses. Segundo o mito, *Mnemósine*, a deusa da memória, foi a quarta esposa de Zeus que gerou, dessa união, nove musas, entre elas, *Clio*, a História. Nesse sentido, poderíamos pensar que, para a produção da(s) História(s), torna-se indispensável recorrer à memória.

A partir do momento em que a História passou a ser encarada como um campo científico, se distanciou da memória, sendo muitas vezes destruidora dessa.<sup>2</sup> A História, enquanto ciência, sofre a partir dos anos 70 (séc. XX) uma fragmentação em diversas áreas. Essa situação não se limitou apenas ao ofício da História, mas alcançou as diversas áreas da ciência devido aos resultados da crescente industrialização e pós-industrialização que, juntamente com o aumento populacional, trouxe uma necessidade de diversificação profissional no mercado de trabalho. A idéia de um objetivismo histórico, onde a ciência poderia responder a tudo ou chegar a verdades absolutas, como acreditavam os historiadores do paradigma tradicional ou marxista, já não se sustenta.

### Um rumo para a História: a História Cultural

A situação atual do conhecimento histórico, na perspectiva da Nova História Cultural, propõe-nos de certa forma uma volta à origem de *Clio*. A ampliação do conceito de *fontes* nos estudos históricos passou a enfatizar e a utilizar em larga escala as *representações* na construção do conhecimento. Uma vez que a forma como o indivíduo vê a si mesmo e o mundo em que está inserido se distancia cada vez mais da antiga

busca por uma realidade histórica independentemente do sujeito, a verdade ou o real nada mais é do que uma construção cultural. Logo, numa visão qualitativa atual, o papel do historiador não tem sido contar a verdade sobre um fato, mas conhecer diferentes verdades e entender como essas foram construídas pelo sujeito histórico. Todas as conclusões passam a ser provisórias. O imaginário (conjunto de representações; coletivo) formula o real e pelo real é trabalhado num constante movimento de circularidade.<sup>3</sup>

Essas transformações, no campo da produção do conhecimento histórico, sobretudo com a influência da Antropologia, têm configurado um novo perfil de historiador: o historiador etnográfico. Robert Darnton, em *O grande massacre de gatos...*, utiliza a expressão-conceito, dizendo que “o historiador etnográfico estuda a maneira como as pessoas comuns entendiam o mundo”.<sup>4</sup> Nessa citação, percebemos uma das dificuldades da Nova História Cultural no seu alargamento de fontes: a diversidade de conceitos. Quem são pessoas comuns? O que é ser comum? É o mesmo que perguntar: quem é povo? O que é cultura popular?

Embora existam críticas à Nova História Cultural, como em relação a qualquer outro paradigma teórico-metodológico, sua importância foi fundamental. Na medida em que nos mostra que existem níveis de distância cultural entre nós e o passado, nos traz uma ampliação e multiplicidade no conceito de cultura. A idéia de tradição nesse novo paradigma também sofre uma significativa mudança, pois a história, passada de geração a geração, é entendida muitas vezes por quem a recebe não como uma cópia autêntica do ocorrido, sem subjetividade. Cada indivíduo, enquanto sujeito histórico, compreende e interpreta construindo uma representação particular do ocorrido, modificando, muitas vezes, a tradição. Como o interesse não é discutir a problematização ou as críticas feitas à Nova História Cultural, analisemos melhor a palavra *etnografia*, para compreender melhor a expressão *historiador etnográfico*.

### **O estudo etnográfico como uma possibilidade para a História**

A etnografia é um sistema de pesquisa desenvolvido pela Antropologia para estudar a sociedade na perspectiva da cultura. Etimologicamente, poderíamos falar em *descrição cultural*. De acordo com André (1998), para os profissionais da Antropologia o termo pode ter dois sentidos:

[...] (1) = conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social;

(2) = um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. (p. 27).

Quais seriam essas técnicas? Geralmente a observação (trabalho de campo), a História Oral e a análise de documentos.<sup>5</sup>

Diante desses componentes, percebemos que o trabalho do historiador, especialmente aquele que utiliza em seu método de trabalho o uso de História Oral e conceitos da Nova História Cultural, se aproxima e se insere numa prática etnográfica.

O etnógrafo encontra-se, assim, diante de diferentes formas de interpretações da vida, formas de compreensão do senso comum, significados variados atribuídos pelos participantes às suas experiências, e vivências e tenta mostrar esses significados múltiplos ao leitor.<sup>6</sup>

O objetivo não é usar este espaço para discutirmos teoricamente as dificuldades ou os problemas enfrentados na construção do conhecimento histórico na atualidade, mas sim desenhar um perfil de historiador que surge com a nova história cultural e seu papel diante da pesquisa, na medida em que usa o método da História Oral.

## A História Oral e as narrativas

Já houve muitas classificações para a expressão *história oral*. Alguns já a classificaram como método, técnica e teoria.<sup>7</sup> No entanto, há um consenso no meio acadêmico em classificar a mesma como uma metodologia de pesquisa. Conforme Alberti (2005),

a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (p. 155).

Alberti ainda chama a atenção a um equívoco que, segundo ela, é muito comum e convém evitar: pensar que a entrevista já é a própria história. O pesquisador deve interpretar e analisar a entrevista como fonte, uma *fonte oral*. Para facilitar esse trabalho, orienta-se a transcrição das entrevistas. Estando na forma de texto, deve-se analisar a fonte oral como qualquer documento, fazendo perguntas e verificando como se pode usufruir dessa fonte, tirando dela as evidências e os elementos que contribuirão para resolver o problema de pesquisa.

O trabalho com fontes orais possibilitou trazer à História, como sujeitos e/ou testemunhos aqueles que, de certa forma, foram excluídos e colocados no anonimato, sem direito à memória, comum no paradigma tradicional ou marxista. A entrevista se configura como principal instrumento (ou técnica) do método de história oral. Para realizá-la, não há uma única receita ou diretriz. Contudo, citam-se algumas observações convergentes nas obras de Thompson (2002), Alberti (2004, 2005) e Zago (2003) que orientam o pesquisador na produção de entrevistas no método da História Oral:

1. Ter consciência de que não existe neutralidade do pesquisador desde a escolha pelo tipo de entrevista até qualquer outro instrumento de coleta de dados ou fontes.
2. Respeitar os princípios éticos e de objetividade na pesquisa, lembrando que nenhum método dá conta de captar o problema em todas as suas dimensões. Todas as conclusões são provisórias, pois podem ser aprofundadas e revistas por pesquisas posteriores.
3. O pesquisador não deve se apropriar da entrevista somente como uma técnica de coleta de dados, mas como parte integrante da construção do objeto de estudo.
4. A entrevista compreensiva não tem uma estrutura rígida, isto é, as questões previamente definidas podem sofrer alterações conforme o direcionamento que se quer dar à investigação. Dar preferência a perguntas mais abertas e a um roteiro flexível.
5. Reservar um tempo relativamente longo para a realização da entrevista.
6. Durante a entrevista, é válido ter um diário de campo onde possam ser feitas anotações das reações, posturas e impressões do entrevistado, dificuldades nas informações obtidas, o que provocaram suas lembranças, novidades nas informações ou conteúdo, informações obtidas em *off*, etc.

7. Fazer uso de elementos que evoquem a memória do entrevistado como fotografias, recortes de periódicos e menção a fatos específicos podem facilitar o desenvolvimento do trabalho.
8. Construir fichas que organizem e orientem as futuras fontes orais. Deve-se privilegiar dados como: nome do entrevistado, número da entrevista que vai representar dentro do universo da pesquisa, idade do entrevistado, endereço, local onde foi gravada a entrevista, nome do entrevistador, idade, profissão, religião, data das entrevistas realizadas com o informante, em que fitas (previamente numeradas) estarão gravadas as entrevistas, em que páginas da transcrição se encontrarão referências a determinados temas e se há alguma restrição ao acesso às informações.
9. No início da entrevista, gravar informações como: nome do entrevistado, do(s) entrevistador(es), data, local e finalidade do trabalho.
10. Providenciar um Termo de Consentimento Informado, onde fique bem claro ao entrevistado: a) finalidades da pesquisa; b) nome do informante e número do documento pessoal, como RG; c) se a divulgação da entrevista oferece riscos ou prejuízos à pessoa informante; d) permissão ou não para divulgar o nome do informante (caso não seja permitido, orienta-se que se produza uma declaração para esse fim no verso do termo, sendo assinado por ambas as partes (pesquisador e entrevistado), podendo o informante optar por um pseudônimo; e) cedência dos direitos de participação do entrevistado e seus depoimentos para a pesquisa em questão; f) abdicação dos direitos autorais do entrevistado e de seus descendentes; g) data e assinatura do termo pelo participante e pesquisador – torna-se importante, nesse item, anexar ao termo que será assinado por ambas as partes, a transcrição da entrevista.

Nadir Zago observa que há um consenso entre vários autores, do qual ela participa, de que as boas entrevistas estariam menos relacionadas às questões de técnicas de condução e mais à capacidade de obter confiança dos pesquisados. (ZAGO, 2003, p. 302). “É esta relação de confiança que o entrevistador consegue estabelecer que conduzirá a coleta de um material suficientemente rico para ser interpretado.” (BREAUD; WEBER, 1998 apud ZAGO, 2003, p. 302).

## História Oral e memória

A História Oral produz narrativas orais, que são narrativas de memória. Essas, por sua vez, são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas também como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade. Nesse sentido, “a dependência da memória, em vez de outros textos, é o que define e diferencia a história oral em relação a outros ramos da História”. (FENTRESS; WICKHAM, 1992 apud ERRANTE, 2000, p. 142).

Destacamos a idéia de Antoinette Errante, quando salienta que precisamos ser mais críticos em relação ao significado que há por trás de memórias particulares que nós coletamos durante um trabalho de História Oral.<sup>8</sup> Antes de iniciarmos um trabalho de História Oral, certas perguntas devem fazer parte de nosso planejamento ou projeto de pesquisa. O que determinadas memórias significam para o(s) entrevistado(s)? Quais as relações existentes entre o que está sendo rememorado com determinados indivíduos, grupos, idéias ou símbolos? Que sentimentos e/ou valores a memória está externalizando?

Trabalhar com História Oral é, sobretudo, não querer uma história totalizante a partir dos depoimentos; tão pouco provar uma verdade absoluta. É dar espaço aos sujeitos anônimos da História na produção e divulgação dessa, procurando articular suas narrativas aos contextos e elementos do(s) objeto(s) em pesquisa. É estar preparado para compreender que nem sempre o ato de rememorar é uma ação saudável e positiva para o sujeito, pois pode trazer dores e sofrimentos. É escrever história sem sacramentar certezas, mas diminuindo o campo das dúvidas.

O uso da História Oral, bem como das narrativas que dela se originam, estimulam a escrita de uma História que não é uma representação exata do que existiu, mas que se esforça em propor uma inteligibilidade,<sup>9</sup> em compreender a forma como o passado chega até o presente. O que o historiador escreve não é aquilo que se passou e, sim, uma produção discursiva. Paul Veyne, analisando a relação entre História e romance, define:

A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos, assim como tampouco o faz o romance; o vivido, tal como ressaí das mãos do historiador, não é dos atores; é uma narração. [...] Como o romance, a história seleciona, simplifica e organiza.<sup>10</sup>

Nesse sentido, o historiador etnográfico é aquele que usa os métodos de pesquisa, não para fazer uma História totalizante do real, tendo em vista sua impossibilidade, mas aquele que, através dos métodos, especialmente o da História Oral, constrói o conhecimento histórico na perspectiva da narrativa, permitindo, assim, uma descrição das representações dos sujeitos que viveram a História ou, de alguma forma, com ela tiveram contato.

### **Algumas considerações finais**

Não tivemos como objetivo trazer novidades no campo da teoria e epistemologia da História. Objetivamos, sim, apresentar uma reflexão sobre o uso da História Oral no panorama da nova história cultural de forma a contribuir para um planejamento mais consistente por parte do historiador que se utilizará dessa metodologia. Deve ficar claro que ao trabalhar com fontes orais, como qualquer outra fonte, não estaremos mais buscando alcançar e apresentar o passado como verdade absoluta. Também não será o foco de nossas preocupações a confiabilidade de tais fontes. Isso pertence a outros paradigmas historicistas. Por outro lado, isso não significa que um historiador que se utilize da História Oral não deva redobrar cuidados, elencando critérios e definindo caminhos para uma análise complexa de suas fontes.

Como já foi dito, as narrativas orais são narrativas de memórias. Por isso, precisamos ser mais cautelosos ao lidar com as fontes orais, buscando entender o que tais memórias representam para o entrevistado e como elas estão sendo (re)construídas e externalizadas no momento da entrevista. Assim, o historiador que se utiliza da história oral pode aproximar-se de seu objeto a partir de um contato mais inter-subjetivo. É essa inter-subjetividade com o objeto, proporcionada pela etnografia num trabalho antropológico, por exemplo, que permitirá entender (ou pelo menos chegar mais próximo disso) como aquelas verdades foram culturalmente construídas pelo sujeito histórico.



## Notas

---

<sup>1</sup> Veyne (1998, 285 p.).

<sup>2</sup> De acordo com Hobsbawm (1998), desde que a História passou a ser encarada como um campo científico, se distanciou da memória, uma vez que a História priva a universalidade, a memória, que é coletiva, visa ao particular para sobreviver.

<sup>3</sup> Swain (1994, p. 52).

<sup>4</sup> Darnton (1996, p. 14).

<sup>5</sup> Entendemos que um ensaio como este, para tratar de um tema tão complexo, pode cair num reducionismo na medida

em que possa limitar o entendimento da etnografia (que é um vigoroso ramo da Antropologia – com *status* de ciência, inclusive) a uma estratégia metodológica. Entretanto, mesmo sabendo disso, manteremos esse recorte dada a especificidade deste trabalho.

<sup>6</sup> André (1998, p. 20).

<sup>7</sup> Penna (2005, 235 p.).

<sup>8</sup> Errante (2000, p. 169).

<sup>9</sup> Chartier (2002, 277 p.).

<sup>10</sup> Veyne (1998, p. 18).

## Referências

---

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. De. *Etnografia da prática escolar*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2005.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- BURKE, Peter. Unidade e variedade na História Cultural. In: BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias Oraís e Modos de Lembrar e Contar. *História da Educação/ASPHE*, Pelotas: Ed. da UFPel, n. 8, p. 140-174, 2000.
- HOBSBAWM, Eric. Não basta a história de identidade. In: HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- HOBSBAWM, Eric. O presente como História. In: HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- PENNA, Rejane Silva. *Fontes orais e historiografia: avanços e perspectivas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992.
- SWAIN, Tânia Navarro. *História no plural*. Brasília: Ed. da UnB, 1994.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a História: Foucault revoluciona a História*. 4. ed. Brasília: Ed. da UnB, 1998.
- ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática da pesquisa. In: ZAGO, Nadir et al. *Perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Artigo recebido em maio de 2007. Aprovado em outubro de 2007.